

O USO DA LITERATURA COMO FONTE PARA A FORMAÇÃO DE LEITORES E FOMENTAÇÃO DA ESCRITA NO AMBITO ESCOLAR

ROSANA TEIXEIRA DA SILVA¹
SANDRA REGINA FERREIRA DE OLIVEIRA²

RESUMO

Atribui-se ao livro, à palavra escrita, o compromisso na formação da consciência de mundo do ser humano. Desta forma, o presente estudo procura refletir, sobre o uso da literatura no âmbito escolar, no qual serão construídas as bases para a formação de leitores. O objetivo desta pesquisa é apontar possibilidades para que o uso da literatura possa influenciar a escrita e a formação de leitores. Através dos objetivos específicos procura-se contextualizar a função humanizadora da Literatura no processo de formação do indivíduo. Identificar os diversos gêneros literários e suas contribuições para a escrita e formação de leitores. Analisar a utilização dos espaços ofertados para a leitura e destacar ferramentas, para que a criança se envolva no universo literário. As informações aqui disponibilizadas, foram obtidas por meio da pesquisa bibliográfica em artigos e livros, que versam sobre o assunto do uso da Literatura como fonte para a formação de Leitores e fomentação da escrita no ambiente escolar. Pesquisa documental em legislação e documentos em educação. Entende-se que, o estudo literário estimula o exercício da mente, a compreensão do real abrangendo várias significações, a consciência do eu em relação ao outro, o conhecimento do mundo de forma ampla e principalmente promove o estudo e conhecimento da língua. Sabe-se que o ambiente escolar proporciona a convivência e o contato com diversos textos literários, despertando a criatividade e conduzindo a criança para um caminho de transformações e incertezas. Desenvolvendo habilidades e competências para gerar leitores críticos, autônomos que possam defender suas ideias e ideais.

Palavras-chave: Leitura. Literatura. Escrita. Infância. Formação de Leitores. Gênero Textual. Prática Docente.

¹ Discente do Curso de Pedagogia da Universidade de Santo Amaro – Unisa, matriculado na disciplina de Trabalho de Conclusão, sob a orientação do Prof. Me. Ieda Maria da Silva Pinto Barbosa. E-mail:agoncalves@edu.unisa.br. Data de entrega: 06 nov. 2023.

² Discente do Curso de Pedagogia da Universidade de Santo Amaro – Unisa, matriculado na disciplina de Trabalho de Conclusão, sob a orientação do Prof. Me. Ieda Maria da Silva Pinto Barbosa. E-mail:agoncalves@edu.unisa.br. Data de entrega: 06 nov. 2023.

1. INTRODUÇÃO

O presente artigo trata do uso da literatura no âmbito escolar, um lugar privilegiado, onde serão construídas as bases para a formação de leitores. O estudo literário, de uma forma mais ampla do que qualquer outro, estimula o exercício da mente, a compreensão do real abrangendo várias significações, a consciência do eu em relação ao outro, o conhecimento do mundo de uma forma muito ampla e principalmente promove o estudo e conhecimento da língua. Com foco na literatura em sua função humanizadora, pois exerce sobre o indivíduo o papel de formação social e cognitiva, indispensável para o desenvolvimento de um ser autônomo, crítico e reflexivo.

Desde o início da infância a literatura deve ser introduzida na vida da criança, desta forma o professor passa a ter um papel muito importante de gerar oportunidades para que o indivíduo se interesse pelo mundo literário. A introdução diária da leitura de deleite, a frequência dos alunos na biblioteca da escola, ofertas de cantinhos de leitura e projetos de leitura entre escola e comunidade, raramente são realizadas. Esse problema, afeta o desenvolvimento intelectual, social e cultural de todos os envolvidos, visto que a literatura é uma forma de expressão humana que pode ser utilizada para diversos fins, como entretenimento, reflexão, crítica social, conhecimento de diversas culturas, uma ferramenta de comunicação e educação podendo contribuir para o desenvolvimento pessoal. O prejuízo é colhido diariamente, gerando cidadãos que não desenvolvem habilidades e competências para se tornarem leitores críticos, autônomos e defenderem suas ideias e ideais.

O objetivo deste estudo é apontar possibilidades para que o uso da literatura possa influenciar a escrita e a formação de leitores. Da mesma forma através dos objetivos específicos procura-se contextualizar a função humanizadora da Literatura no processo de formação do indivíduo. Identificar os diversos gêneros literários e suas contribuições para a escrita e formação de leitores. Analisar a utilização dos espaços ofertados para a leitura e destacar ferramentas, para que a criança se envolva no universo literário.

O conteúdo apresentado neste artigo poderá beneficiar a comunidade escolar e científica, tendo em vista que a literatura pode ser um instrumento muito eficiente para o desenvolvimento das habilidades e competências de leitura, escrita, interpretação e desenvolvimento de textos. O material apresentado poderá auxiliar para a construção de uma escola mais democrática e inclusiva.

Para fins desta análise os conceitos do uso da literatura como fonte para a formação de leitores e fomentação da escrita no âmbito escolar, foram fundamentados nas teorias de Nelly Novaes Coelho (2000), Professora Titular de Literatura Portuguesa, Literatura Infantil e Juvenil da Universidade de São Paulo. Magda Soares (2022) professora titular emérita da Faculdade de Educação da Universidade de Minas Gerais, pesquisadora do Centro de Alfabetização Leitura e Escrita da Faculdade de Educação da UFMG, graduada em letras, doutora e livre docente em Educação. Antonio Candido de Mello e Souza (1972) e (2011) sociólogo, crítico literário, ensaísta e professor. Fanny Abramovich (1997), professora com licenciatura em Pedagogia pela USP;

atuação na área de Literatura Infantil, através de críticas para Jornal da Tarde, Folha de São Paulo, Leia, RTC e outros veículos de comunicação; júri de concursos municipais, estaduais e internacionais; cursos em várias cidades brasileiras, coordenadora e assessora em editoras de publicações infanto-juvenis, entre outros.

É importante destacar que as informações aqui disponibilizadas, foram obtidas por meio da pesquisa bibliográfica em artigos e livros, que versam sobre o assunto do uso da literatura como fonte para a formação de leitores e fomentação da escrita no âmbito escolar. Segundo Severino (2007), a pesquisa bibliográfica, é uma pesquisa que se realiza a partir do registro disponível, de pesquisas anteriores, que encontramos em livros, artigos, teses etc. Utilizando dados ou categorias teóricas que foram trabalhados por outros pesquisadores e adequadamente registrados. Pesquisa documental em legislação e documentos em educação, de acordo com Severino (2007), tem como fonte não só documentos impressos, como também, jornais, fotos, filmes, gravações, documentos legais.

2. LITERATURA INFANTIL E SEU PERCURSO.

2.1 O Conceito de Infância.

O conceito de infância que foi sendo estruturado ao longo dos séculos, através das culturas ocidentais, reproduziu características de forma predominante de ser criança no mundo. O autor Phillipe Ariès é considerado o primeiro pesquisador a trazer a infância como objeto de estudo, abordando esta ideia dentro do contexto da Idade Média e Contemporânea. Ele afirma que a antiga sociedade tradicional não enxerga a criança como tal, o conceito de criança não existia e o período da adolescência era totalmente desconsiderado. Ele afirma que:

A duração da infância era reduzida a seu período mais frágil, enquanto o filhote do homem ainda não conseguia bastar-se; a criança então, mal adquiria algum desembaraço físico, era logo misturada aos adultos, e partilhava de seus trabalhos e jogos. De criancinha pequena, ela se transformava imediatamente em homem jovem, sem passar pelas etapas da juventude, que talvez fossem praticadas antes da Idade Média e que se tornaram aspectos essenciais das sociedades evoluídas de hoje (ARIÈS, 1986, p. 10).

Ariès esclarece que os valores, conhecimentos e socializações que deveriam ser transmitidos, não eram garantidos nem controlados pelas famílias, rapidamente as crianças eram separadas de seus pais e passavam a conviver com jovens ou adultos, que na maioria dos casos eram empregados ou tutores. Durante esses séculos a educação era garantida através dessas convivências. Os pequeninos aprendiam praticando, trabalhando, ajudando os adultos em seus afazeres. “A passagem da criança pela família e pela sociedade era muito breve e muito insignificante para que tivesse tempo ou razão de forçar a memória e tocar a sensibilidade” (ARIÈS, 1986, p. 10).

Sobre isso a professora Nelly Novaes Coelho (2000) em seu livro Literatura Infantil, destaca que o próprio conceito de infância era noção inexistente na Idade

Média. As crianças eram pequenos adultos ou adultos em miniaturas, período de imaturidade e deveria ser o mais curto possível, onde a educação era severamente rígida e punitiva. Nessa época, não havia livros ou materiais escritos especificamente para a criança que fosse classificada como literatura infantil, exceto materiais didáticos para ensino, geralmente de natureza religiosa ou conteúdos relacionados às primeiras letras. Em primeiro momento o objetivo desses materiais era de caráter didático, depois aos poucos foram sendo direcionados ao público infantil conforme o amadurecimento das formas de ensino e escolares. Ariès (1986, p. 11) esclarece que:

[...] a partir do fim do século XVII, uma mudança considerável alterou o estado de coisas que acabo de analisar. Podemos compreendê-la a partir de duas abordagens distintas. A escola substituiu a aprendizagem como meio de educação. Isso quer dizer que a criança deixou de ser misturada aos adultos e de aprender a vida diretamente, através do contato com eles. A despeito das muitas reticências e retardamentos, a criança foi separada dos adultos e mantida à distância numa espécie de quarentena, antes de ser solta no mundo. Essa quarentena foi à escola, o colégio.

Ele explica que a construção do conceito de infância e família no Ocidente, foi sendo construída lentamente, assim como o processo de escolarização na sociedade moderna. O convívio de práticas culturais populares não se limitava a determinados públicos em função de sua idade. As histórias estavam presentes em diversas formas de manifestação e representação da linguagem, se realizando na vida em comunidade por meio de jogos, brincadeiras, narrativas, festas, que eram comuns tanto na vida adulta quanto na vida infantil. Ariès exemplifica descrevendo a vida do pequeno rei da França:

Aos dois anos, Luís XIII começa a jogar malha e pela; aos quatro, atira com o arco [...]. Aos cinco anos, ele joga cartas. Aos oito, ganha um prêmio numa rifa, jogo de azar em que as fortunas costumavam trocar de mãos, [...] assistem a uma luta, a um torneio de argolinhas, a uma briga de ursos ou de touros, ou a um acrobata na corda bamba. [...]. Parece, portanto, que no início do século XVII não existia uma separação tão rigorosa como hoje entre as brincadeiras e os jogos reservados às crianças e as brincadeiras e os jogos dos adultos. Os mesmos jogos eram comuns a ambos (ARIÈS, 1986, p. 88).

O escritor destaca que os temas da vida adulta estavam igualmente presentes no cotidiano da criança, assim era comum a criança presenciar situações que envolviam morte, sexualidade e diversas transgressões do cotidiano adulto. A respeito das narrativas de cunho popular, eram realizadas inicialmente de forma oral, mas também gradualmente exercidas na forma de conto, a narrativa também fazia parte de dois mundos, o infantil e o adulto. Em sua pesquisa Ariès (1986, p. 87) explica que a infância era abreviada dizendo:

Tudo indica que a idade de sete anos marcava uma etapa de certa importância: era a idade geralmente fixada pela literatura moralista e pedagógica do século XVII para a criança entrar na escola ou começar a trabalhar.

Várias modificações aconteceram na Idade Moderna e foram concretizadas no século XVIII, possibilitaram a evolução cultural da escola, com suas

organizações e gêneros literários como aponta Zilberman (2003). Ela explica que após a queda do feudalismo nasce um novo significado da estrutura familiar, o compromisso com grupos sociais é desassociado, mas a dedicação aos cuidados, afeto e intimidade com os filhos é o destaque dessa sociedade. A autora esclarece que, as diferentes faixas etárias agora são consideradas:

A valorização da infância enquanto faixa etária diferenciada é um dos baluartes deste modelo doméstico. Particulariza-se, primeiramente, a criança como um tipo de indivíduo que merece consideração especial, convertendo-a no eixo com base no qual se organiza a família, cuja responsabilidade maior é permitir que os filhos atinjam a idade adulta de maneira saudável (evitando-se a morte precoce) e madura (providenciando-se sua formação intelectual) (ZILBERMAN, 2003, p.18).

Segundo Zilberman a escola assume um papel duplo, de introduzir a criança na vida adulta, mas ao mesmo tempo protegê-la dos ataques do mundo. Ela escreve que essa atitude: “[...] acentua a divisão entre o indivíduo e a sociedade, ao retirar o aluno da família e da coletividade, encerrando-o numa sala de aula em que tudo contraria a experiência que até então tivera [...]” Zilberman (2003, p. 21). O relacionamento de escola e vida diária se afasta, pois nega que, a criança como sujeito vivência o mundo, as reflexões ou debates existentes sobre o convívio em sociedade, isso não faz parte do universo escolar. Censurando os questionamentos vividos pela comunidade. A educação burguesa ganha força e se torna a patrocinadora da ampliação e do aprimoramento do sistema escolar. Nesse contexto declara a autora:

Em vez de uma hierarquia social, vive uma comunidade em que todos são igualados na impotência: perante a autoridade do mestre e, mais adiante, da própria instituição educacional, todos estão despojados de qualquer poder. Em vez de um convívio social múltiplo, com pessoas de variadas procedências, reúne um grupo homogeneizado porque compartilha a mesma idade; e impede que se organize uma vida comunitária, já que todos são obrigados a ficar de costas uns para os outros, de frente apenas para um alvo investido de autoridade – o professor (ZILBERMAN, 2003, p. 21).

Ao redor de todos estes acontecimentos conforme os estudos de Zilberman (2003), a escola vai manipulando a criança e conduzindo-a ao respeito das normas estabelecidas, a mesma da classe dominante denominada burguesia.

2.2 História e concepção.

A historiografia, que estuda o caminho percorrido pela literatura infantil no campo social e literário ocidental, afirma que a literatura infantil surge através do conto popular. Envolvendo várias classes sociais, faixas etárias e contextos. Nesse sentido, Coelho (2000, p. 43) declara: “[...] a linguagem poética (ou literária em geral) tivesse sido utilizada, desde os primórdios (através dos rituais, por exemplo), para transmitir padrões de pensamento ou de conduta às diferentes comunidades[...]”.

A oralidade é a marca mais importante dessa forma de desenvolvimento narrativo. Nela, prevalece o conto popular, e a forma como era transmitida a

história, marcando estratégias específicas de expressão verbal e oral, memória e transmissão entre gerações e classes sociais. Nessa época os contadores oficiais das histórias eram chamados de menestréis, tinham uma marcante habilidade de contar os contos populares e manter o ouvinte atento.

Alguns elementos do conto popular permaneceram até os dias de hoje na literatura infantil. Aquilo que é engraçado ou trabalha a imaginação e a fantasia, a metalinguagem, personagens com características únicas e extravagantes, a fantasia no processo ficcional, diferentes formas de personificação, animais e objetos que falam e tem vida própria sendo até personagens principais, final feliz como particularidade deste universo de histórias. Nesse sentido Coelho orienta que:

Uma vez que tais valores ou padrões (de natureza social, ética, política, artística, econômica, religiosa, etc.) são essencialmente abstratos, dificilmente poderiam ser compreendidos ou assimilados por mentes que vivem muito próximas da natureza sensorial, do concreto e, como tal, propensas a conhecerem as coisas através das emoções e da experiência concreta (COELHO, 2000, p. 43).

Para esclarecer a importância do fundamento da literatura atribuída às crianças, Coelho (2000) explica que a literatura infantil além de auxiliar o desenvolvimento das competências naturais, auxilia também no processo de amadurecimento que existe da infância até a fase adulta. Esse universo literário está relacionado diretamente e exclusivamente com a arte da palavra, com a estética e com o imaginário. Nesta mesma linha de pensamento Aguiar (2001) explica o que são literaturas infantis: “[...] São histórias ou poemas que ao longo dos séculos cativam e seduzem as crianças. Alguns livros nem foram escritos para elas, mas passaram a ser considerados literatura infantil” (AGUIAR, 2001, p. 16). A professora Coelho (2000, p. 43) corrobora com Aguiar dizendo:

Ela é a linguagem da representação, linguagem imagística que, como nenhuma outra, tem o poder de concretizar o abstrato (e também o indivisível), através de comparações, imagens, símbolos, alegorias, etc. desde o início dos tempos históricos, ela tem sido a mediadora ideal entre as mentes imaturas com sua precária capacidade de percepção intelectual e o amadurecimento da inteligência reflexiva (a que preside ao desenvolvimento do pensamento lógico-abstrato, característico da mente culta).

Devido às transformações ocorrentes, a principal ideia de literatura que os estudiosos das diversas áreas do conhecimento identificam é o processo de produção e recepção, emitindo opiniões sociológicas, éticas ou políticas. Dentro dessas opiniões, são evidentes as transformações das noções já conhecidas durante a história sobre o tempo, espaço, personagens, ação linguagem, estruturas poéticas, valores éticos, etc. Nesse sentido Coelho (2000) explica que, desde o surgimento, a literatura opera nas mentes, no campo que definem os sentimentos e as ações. Ampliando as emoções, paixões, desejos, e todo tipo de sentimento. Ainda segundo Coelho (2000, p. 29):

A pressão do processo social/cultural/político, hoje em plena expansão (principalmente em nosso continente sul-americano), atua sobre a criação, quanto ao aspecto ideológico, e não só altera a matéria

literária (em estrutura/ forma/linguagem /gênero...), como transforma a possível função do produto literário. Para além do prazer/emoção estéticos, a literatura contemporânea visa alertar ou transformar a consciência crítica de seu leitor/receptor.

Quando pensamos em literatura infantil de imediato nos vem à mente, belos livros ilustrados, com seu colorido exuberante, proporcionando ao leitor prazer no momento da leitura ou ao ouvir a história contada. Zilberman (2003) esclarece que, devido o percurso que a história da literatura infantil enfrentou, pouco tempo atrás, ela era limitada a criação literária com um gênero menor. Levando em consideração, como já vimos anteriormente, que a criança era vista como um mini adulto.

Neste período os primeiros textos infantis foram produzidos através de ajustes dos textos que pertenciam aos adultos. Retiraram às palavras e as reflexões de difíceis compreensões. Acontecimentos que não demonstravam bons exemplos foram removidos, destacando grandes aventuras. As obras eram diminuídas em sua essência, mas o novo propósito aconteceu, envolvendo a criança entre o real e o maravilhoso, proporcionando diversas experiências. Zilberman (2003, p. 46) argumenta que:

Em razão disso, explicita-se a duplicidade própria da natureza da literatura infantil: de um lado, percebida da óptica do adulto, desvela-se sua participação no processo de dominação do jovem, assumindo um caráter pedagógico, por transmitir normas e envolver-se com sua formação moral; de outro, quando se compromete com o interesse da criança, transforma-se num meio de acesso ao real, na medida em que facilita a ordenação de experiências existenciais, pelo conhecimento de histórias, e a expansão do seu domínio linguístico.

O século XX deu início a um novo caminho para a literatura infantil como afirma Coelho (2000). Através da psicologia experimental, foi sendo revelada a inteligência que cada pessoa constrói dentro de si. Votando os olhares para os diferentes estágios de seu desenvolvimento que percorre da infância a adolescência, inclusive apresentou grande relevância para o avanço e formação da personalidade. Esses estágios são correspondentes a cada fase de idade.

A partir desse conhecimento do ser humano, a noção de “criança” muda e nesse sentido torna-se decisivo para a literatura infantil/juvenil adequar-se ou conseguir falar, com autenticidade, aos seus possíveis destinatários (COELHO, 2000, p.30).

3. A FORMAÇÃO DE LEITORES NO ÂMBITO ESCOLAR

3.1 O pequeno leitor e o direito a literatura.

O texto literário é um instrumento comunicativo que revela suas particularidades em relação aos textos científicos. Geralmente a realidade é apoiada no raciocínio lógico e no método científico definindo os textos científicos. Diferentemente do texto literário, sua estrutura surge da construção de uma realidade que se sustenta na imaginação. O desenvolvimento que envolve a invenção e criação retrata a quebra de padrões de escrita e representação do mundo e do homem, pois manifesta em sua essência o potencial imaginário da escrita.

Coelho (2000) esclarece que neste contexto, a literatura infantil se associa unicamente e de forma direta com a arte escrita, a beleza e a fantasia. Por este motivo, estimula o leitor a sentir várias sensações. A partir dessa estrutura textual e das funções que exercem com o processo de leitura, o texto literário se conecta com o conhecimento de mundo, com o domínio da língua e com textos específicos, através do mundo da leitura de cada leitor, variando muitas vezes. Zilberman (2003, p. 25) explica como procede a literatura:

Ela sintetiza, por meio dos recursos da ficção, uma realidade, que tem amplos pontos de contato com o que o leitor vive cotidianamente. Assim, por mais exacerbada que seja a fantasia do escritor ou mais distanciada ou diferente as circunstâncias de espaço e tempo dentro das quais uma obra foi concebida, o sintoma de sua sobrevivência é o fato de que ela continua a se comunicar com seu destinatário atual, porque ainda fala de seu mundo, com suas dificuldades e soluções, ajudando-o, pois, a conhecê-lo melhor.

Baseado nesse contexto, dentro do âmbito escolar surge à formação do leitor. A convivência e o contato com estes textos despertam a criatividade conduzindo a criança para um caminho de transformações e incertezas. Trazendo como resultado a diversidade de conhecimento de ideias, culturas, sociedades e épocas. Levando o jovem leitor a ter seus questionamentos, pois várias dúvidas surgirão, iniciando uma jornada de pensamentos reflexivos. Já Silveira (2005, p. 16) contribui dizendo que:

[...] o texto literário tem muito a contribuir para o aprimoramento pessoal, para o autoconhecimento, sem falar do constante desvelamento do mundo e da grande possibilidade que a leitura de determinada obra oferece para o descortínio de novos horizontes para o homem, no sentido da formação e do refinamento da personalidade.

Retomando Zilberman (2003) a qual esclarece que desta forma, a literatura infantil não pode ser confundida como dever pedagógico, mas a realização de uma função formadora. Cândido (1972) corrobora explicando que essa função está voltada a todo tipo de cultura, compreensão de mundo e do próprio ser. A literatura favorece caminhar por diferentes vias, através da imaginação e da fantasia proporcionando a compreensão do mundo que nos cerca e de uma aprendizagem significativa.

Antônio Cândido (2011) na obra, *Vários Escritos*, “O direito a Literatura”, reflete sobre os direitos humanos e o contraste desse direito. Conforme progredimos tecnologicamente e obtemos bem-estar, um percentual muito grande de pessoas é excluído desse contexto e condenado a falta de necessidades básicas. Os mesmos direitos que julgamos ser necessários para nós precisam ser necessários para todos, “[...] consiste em reconhecer que aquilo que é essencial para nós também é indispensável para o próximo[...].” (CANDIDO, 2011, p.174). Para isso, ele esclarece que os bens que julgamos necessários excedem os que garantem a sobrevivência, como alimentos, roupas, saúde, segurança etc., mas o direito a crença, ao lazer, a um pensamento crítico e a arte literatura.

Vista deste modo a literatura aparece claramente como manifestação universal de todos os homens em todos os tempos. Não há povo e não há homem que possa viver sem ela, isto é, sem a possibilidade de

entrar em contato com alguma espécie de fabulação (CANDIDO, 2011, p.176).

Como apresentado anteriormente, as formas de expressão da literatura são várias e fazem parte do dia a dia do indivíduo, independente da classe social, se é instruído ou não, todos precisam da literatura como esclarece Candido (2011). Além de destacar que ela pode educar moralmente, pois possui papel formador de personalidade, “[...] trazendo livremente em si o que chamamos de bem e o que chamamos o mal, humaniza em sentido profundo, porque faz viver [...]” (CANDIDO, 2011, p. 178). As particularidades da construção do texto literário aumentam a nossa percepção sobre o mundo, tornando-se uma peça humanizadora.

[...] o processo que confirma no homem aqueles traços que reputamos essenciais, como o exercício da reflexão, a aquisição do saber, a boa disposição para com o próximo, o afinamento das emoções, a capacidade de penetrar nos problemas da vida, o senso da beleza, a percepção da complexidade do mundo e dos seres, o cultivo do humor. A literatura desenvolve em nós a quota de humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos para a natureza, a sociedade, o semelhante (CANDIDO, 2011, p. 182).

O espaço escolar é o lugar de formação do indivíduo, onde ele conhece seus direitos e deveres é muito importante que a escola crie um ambiente que ofereça à criança, o contato com leitura e literatura. Segundo a Base Nacional Comum Curricular “Os direitos humanos também perpassam todos os campos de diferentes formas “[...] direito a literatura e a arte, direito a informação e aos conhecimentos disponíveis [...]” (BRASIL, 2017, p.86).

A participação do professor nesse processo é fundamental ele precisa ser um profissional humanizado, em relação ao conjunto de conhecimentos, que trabalhe de maneira inovadora e comprometida com a formação de seus alunos e não repassando os mesmos comandos e propostas de sempre. Sob o olhar de promover uma vivência humanizadora pela literatura, é sugerido que o professor leia, fale sobre livros, conte histórias, mostre e permita que as crianças se relacionem com a história, para que possam construir em sua mente a imagem de uma atividade enriquecedora e prazerosa. Sobre isso, Bamberger (1988, p. 74) escreveu que:

Os professores que ministram aos alunos “pequenas doses” da importância da leitura todos os dias – em seu encontro com a literatura, como apoio ao trabalho escolar e aos interesses pessoais dos alunos em todos os assuntos escolares [...] os professores que assim procedem sistematicamente durante toda carreira escolar da criança, sem forçar, mas com naturalidade, terão acostumado, de tal maneira, a maioria dos alunos a trabalhar com livros que eles não desistirão mais tarde.

Deste modo, o professor que enxerga a literatura como um instrumento humanizador, está enxergando a criança como indivíduo único, que necessita ser mediado, e é na escola, ou propriamente na sala de aula que podemos identificar essa “[...] mola motora do crescimento do público leitor [...]” (BAMBERGER, 1988, p. 74).

3. 2 O pequeno leitor e a sala de aula.

Mesmo antes de a criança ser alfabetizada a leitura individual e silenciosa é importante. As ilustrações dos livros são linguagens essenciais a esse tipo de leitura, segundo Zilberman (2012, p.116), “[...] A criança conhece o livro antes de saber lê-lo, da mesma maneira que descobre a linguagem antes de dominar seu uso[...]” Sobre isso, Soares (2022) relata que histórias contadas por meio “da linguagem visual, de imagens que “falam” [...] sem o apoio de texto narrativo [...] apresenta excelentes estratégias para as crianças reconhecerem seres e coisas [...]” (COELHO, 2000, p. 161). Esse exercício prepara as crianças para leitura de textos maiores e mais complicados, além de desenvolver o olhar e a criatividade. A autora ainda diz que o:

Processo lúdico de leitura que, na mente infantil, une os dois mundos em que ela precisa aprender a viver: o mundo real-concreto a sua volta e o mundo da linguagem, no qual o real concreto precisa ser nomeado para existir definitivamente e reconhecido por todos (COELHO, 2000, p. 161).

O professor deve também ler e contar em voz alta, esse ato permite que o repertório infantil comece a ser elaborado. Abramovich (1997) explica a importância para a formação da criança que ouve histórias, “[...] escutá-las é o início da aprendizagem para ser um leitor, e ser leitor é ter um caminho absolutamente infinito de descoberta e de compreensão do mundo. (ABRAMOVICH, 1997, p. 16).

O trabalho de contar história em sala de aula com a literatura infantil, não pode ser apenas uma distração, mas precisa ser uma ferramenta associada ao planejamento pedagógico, é um momento rico que possibilita o desenvolvimento da linguagem oral e escrita tendo o propósito à formação do pequeno leitor. Ela também esclarece que:

É também suscitar o imaginário, é ter a curiosidade respondida em relação a tantas perguntas, é encontrar outras ideias para solucionar questões (como as personagens fizeram...). É uma possibilidade de descobrir o mundo imenso dos conflitos, dos impasses, das soluções que todos vivemos e atravessamos [...] através dos problemas que vão sendo defrontados (ou não), resolvidos (ou não) pelas personagens de cada história (cada um a seu modo) (ABRAMOVICH, 1997, p. 17).

Para contar histórias é recomendável que o professor esteja familiarizado com a história. Verificar se há palavras que não conhece e pesquisar seus significados. Identificar as pausas do texto, pois cada pontuação dá um sentido diferente à frase. Ficar surpreso com uma fala que não esperava encontrar no texto, diz sobre o despreparo do contador. Abramovich (1997) esclarece que o contexto da história, os personagens, as emoções, ou aquilo que irrita precisa ser estudado com antecedência, para assim, fornecer ao ouvinte realmente o que a história quer transmitir. Ela ainda especifica que:

Para contar uma história – seja qual for – é bom saber como se faz. Afinal, nela se descobrem palavras novas, se entra em contato com a música e com a sonoridade das frases, dos nomes... Se capta o ritmo, a cadência do conto, fluindo como uma canção... Ou se brinca com a

melodia dos versos, com o acerto das rimas, com o jogo das palavras... Contar histórias é uma arte... e tão linda!!! É ela que equilibra o que é ouvido com o que é sentido, e por isso não é nem remotamente declamação ou teatro... Ela é o uso simples e harmônico da voz (ABRAMOVICH, 1997, p. 18).

Os métodos de leituras dos textos literários nas escolas são vários, podemos citar a leitura individual e a leitura mediada. A leitura individual se manifesta quando a criança começa a ser alfabetizada. Soares (2022) compartilha que, os autores de literatura infantil produzem livros que oferecem aos leitores iniciantes pequenas narrativas, com frases simples e um vocabulário conhecido no mundo infantil, com grandes ilustrações que chamam a atenção da criança, “[...] são livros que brincam com as palavras, com os sons das palavras, que divertem e dão suporte a alfabetização” (SOARES, 2022, p. 230).

Os livros escolhidos pelas crianças nas bibliotecas, ou cantinhos de leituras que será lido em casa, também são considerados leituras individuais conforme Soares (2022).

A leitura em família, encorajar as crianças a levar livros para casa e ler com seus pais ou responsáveis, estendendo o amor pela leitura além da escola. A leitura em conjunto fortalece os laços familiares, cria momentos de conexão e intimidade, além de estimular o vocabulário de todos os envolvidos, melhorando suas habilidades de linguagem e comunicação. Desenvolve a empatia e permite que as crianças explorem diferentes perspectivas e experiências, promovendo a compreensão de outros pontos de vista.

Sobre a questão da leitura mediada, a Base Nacional Comum Curricular instrui que:

As experiências com a literatura infantil, propostas pelo educador, mediador entre os textos e as crianças, contribuem para o desenvolvimento do gosto pela leitura, do estímulo a imaginação e da ampliação do conhecimento de mundo (BRASIL, 2018, p. 42).

Segundo Soares (2022), a leitura mediada acontece quando as crianças estão aprendendo a ler. O professor empresta sua habilidade já desenvolvida de ler para o aluno, transpõem o que está escrito em palavras. Essa mediação proporciona o encontro da criança com o texto, pretendendo promover a compreensão e interpretação, além de favorecer o prazer de a criança interagir com a leitura. O ambiente ofertado para a mediação literária faz muita diferença e Soares descreve que:

A mediação literária deve ocorrer em ambiente que se diferencie tanto quanto possível da sala de aula, ainda que ocorra nela mesma com as crianças sentadas em círculo para a “Hora da Literatura”, ou na biblioteca, em que as crianças estarão na “casa dos livros”, rodeadas deles, também sentadas em círculo para acompanhar a leitura, que deverá ser cuidadosamente preparada pela professora (SOARES, 2022, p. 232).

No mundo acelerado e digitalizado em que vivemos, espaços destinados à leitura têm assumido um papel crucial na promoção da literatura e do hábito de leitura.

De bibliotecas tradicionais a salas de leitura em comunidades e inovadoras bibliotecas digitais, esses locais desempenham um papel essencial na nossa sociedade. Criar ambientes acolhedores que inspiram o amor pela leitura em todas as idades, que promovam a educação, a cultura e a interação social. Atualmente as bibliotecas estão em constante atualização, mudanças e novos métodos tecnológicos são utilizados para o registro e espalhamento da informação.

Através desses espaços apropriados, um elo com o livro físico começa a ser gerado, inicia-se o trabalho com o texto, permeando os gêneros textuais em cada literatura encontrada.

4. A CONTRIBUIÇÃO DO ENSINO LITERÁRIO.

4.1 Leitura e gêneros textuais.

Na literatura infantil, a essência dos textos gira em torno da fantasia, imaginário, enredo e ludicidade, definindo uma linguagem e especificamente um tipo de literatura, que se expressa em diferentes gêneros textuais. Temos exemplos de diversas histórias que criam uma realidade ilusória, onde a narrativa central pode girar em torno de animais que falam e vivem situações que passamos no dia a dia. Buscam proteção e ajuda como “Os sete corvos” (Uba, 2021). Crianças que fazem o papel principal, envolvidas em grandes aventuras e situações de perigo lutando contra seus sentimentos como a “Chapeuzinho Amarelo” (BUARQUE, 1979). Ainda nessa linha de ideias podemos encontrar várias situações de conflito, o livro “A bolsa amarela” (NUNES 1976), mostra a protagonista passando por angústias, frustrações e repressões. Coelho (2000, p. 164) explica que:

[...] a literatura infantil pertence, pois, ao gênero ficção, o qual abrange toda e qualquer prosa narrativa literária (linguagem artística, construída pelo pensamento criador, lógico-poético) [...]. A literatura infantil ocupa um lugar específico no âmbito do gênero ficção, visto que ela se destina a um leitor especial, a seres em formação, a seres que estão passando pelo processo de aprendizagem inicial da vida. Daí o caráter pedagógico (conscientizador) que, de maneira latente ou patente, é inerente a sua matéria. É também, ou acima de tudo, a necessidade de ênfase em seu caráter lúdico [...].

Sendo assim, a leitura em sala de aula está associada a diferentes gêneros textuais, sua compreensão e organização precisam estar ligadas aos objetivos didáticos. Dentro do gênero ficção Coelho (2000) esclarece que. “definidos como formas simples [...] fábula, apólogo, parábola, alegoria, mito, lenda, saga, conto maravilhoso, contos de fada, conto exemplar, conto jocoso etc.” Os textos podem ser informativos, educativos ou prescritivos, apontando técnicas, instruções e ações futuras.

Além de textos que proporcionam prazer pela leitura, despertando vários sentimentos, através de histórias engraçadas, emotivas, trágicas, alegóricas, fantásticas, musicais. Alguns textos podem até convencer o leitor a mudar sua ideia em relação a algo que ele já tinha estabelecido como certo ou errado. Desta forma, compete ao professor estabelecer os objetivos que a classe precisa

alcançar, para definir o tipo e o gênero textual que irá trabalhar. Conforme a Base Nacional Curricular Comum o professor precisa: “Selecionar procedimentos de leitura adequados a diferentes objetivos e interesses, levando em conta características do gênero e suporte do texto, de forma a poder proceder a uma leitura autônoma [...]”. (BRASIL, 1998, p. 74). Soares (2022, p. 210) esclarece que:

[...] todo texto é uma comunicação verbal que se caracteriza como um gênero adequado ao contexto, aos objetivos do autor e aos leitores previstos ou desejados. Assim os textos não são independentes das condições que determinam sua produção. [...] todo texto é a materialização de um gênero. [...] tantas são as interações verbais que ocorrem no contexto social: convite, bilhete, carta, notícia jornalística, lista de compras, instrução de uso, piada, cartaz, publicidade, receita culinária, horóscopo, conto, poema, parlendas... Observe quantos e quão diversos gêneros textuais você usa e encontra a sua volta, na família, na escola, nas ruas, nas lojas.

Na sala de aula o aluno precisa ter acesso a diversos textos, permitindo que ele se habitue à linguagem escrita. Neste processo seu modo de pensar vai sendo formado, inclusive os padrões de comportamento de sua sociedade, princípios morais, além de alimentar seu imaginário social e cultural. O autor de um texto literário está intensamente relacionado à realidade social e à essência humana, pois a literatura tem potencial claro de promover formação pessoal e emocional (LAJOLO, 1998, p. 24). Sobre isso Zilberman (2012, p. 116) diz que:

A partir dos resultados do trabalho docente, a leitura transforma-se em vivência da criança, como uma habilidade que ela pode controlar e desenvolver com o transcurso do tempo. Quando a palavra escrita pode ser decifrada por ela, os diferentes materiais introduzidos pela imprensa, como o livro, o jornal ou a revista, passam a estar a seu alcance, servindo de suporte aos gêneros artísticos (ou não) correspondentes: a literatura, a história em quadrinhos, o conto.

Os espaços escolares, seus currículos e matrizes de conhecimento devem proporcionar o contato com o texto que tenha um conteúdo artístico e estético nítidos, como os textos literários. Convivência com narrativas, poemas, contos, textos dramáticos, épicos fazem com que as crianças desenvolvam habilidades corporais e linguísticas, apreciando as referências simbólicas, afetivas e de conhecimento que serão conservados na memória.

4. 2 Utilização de espaços e ferramentas que fomentam a escrita e a formação de leitores.

O professor deve conhecer seus alunos, a cultura da comunidade os hábitos que essa sociedade está inserida, suas habilidades e necessidades. A escolha do texto literário está ligada em conhecer o contexto das crianças. Obter entendimento sobre o texto literário escolhido, sobre os autores, a editora, os ilustradores e a função social da leitura são um dever do docente, assim poderá fomentar o gosto pela literatura no meio dos pequenos. Soares (2022, p. 242) nos mostra que a leitura eficiente de um texto depende da compreensão, entender o que foi escrito. E a compreensão só se completa quando estabelece conexões entre os fatos e as ideias, surgindo à interpretação. Algumas

estratégias e ferramentas podem ser utilizadas para desenvolver a compreensão e interpretação da literatura.

Magda Soares (2022, p. 243) explica que alguns procedimentos no momento da leitura mediada podem desenvolver no leitor habilidades de compreender e interpretar textos. Ela esclarece esse assunto dizendo que antes da leitura o professor precisa apresentar o livro para os alunos. Mostrar a capa e apresentar o autor, indicar o gênero, o título, a relação do título com a ilustração. Durante a leitura é necessário verificar se o aluno tem conhecimento suficiente para a compreensão do texto através de perguntas. Esclarecer o significado de palavras desconhecidas é muito importante no decorrer da leitura. Ajudar a criança a identificar a causa, o efeito ou a atitude de algumas situações ou personagens muitas vezes é necessário. No encerramento da leitura pode-se estimular a criança a comparar a história com outra lida anteriormente, além de esclarecer a diferença entre ficção e realidade. A autora ainda afirma que:

Crianças que ainda não sabem ler – na educação infantil, talvez ainda no primeiro ano – ouvir o texto lido pela/o professora/or, já desenvolve habilidades que serão consolidadas na compreensão e interpretação autônomas de textos escritos. Para crianças que já sabem ler, a leitura oral pela/o professora/or prepara a criança para ler o texto, tanto oralmente como silenciosamente. Em ambas as modalidades – leitura oral ou leitura silenciosa – a compreensão e interpretação previa do texto apoiam e facilitam a leitura (SOARES, 2022, p.245).

Ainda sobre esse tema, ABRAMOVICH (1997) recomenda que após a leitura, os alunos podem escrever o que achou mais importante na história, o que sentiu, ou percebeu. Uma troca de opiniões também é sugerida, irão descobrir que muitos gostaram, outros não, por várias razões. Podem ter notado algo que o outro não notou, e através desses detalhes, mudar suas opiniões. Cabe cada um respeitar a opinião do outro. Com o tempo irão notar que não há necessidade de haver uma única opinião, a democracia e o pensamento crítico farão parte das atividades. Ela esclarece dizendo:

Me parece que a preocupação básica seria formar leitores porosos, inquietos, críticos, perspicazes, capazes de receber tudo o que uma boa história traz, ou que saibam por que não usufruíram aquele conto...Literatura é arte é prazer...que a escola encape esse lado. É apreciar - e isso inclui criticar (ABRAMOVICH, 1997, p. 148).

Promover espaços para que os alunos conheçam a produção literária também são estratégias que fomentam o interesse pela literatura. Visitar livrarias que proporcione encontros com autores ou ilustradores, ter contato com a obra no momento do lançamento. “Ir em livrarias [...] dias especiais em que um determinado autor vai lá estar, autografando seu último trabalho publicado. [...] e conseguir a dedicatória especial e assinatura cobiçada [...]” (ABRAMOVICH, 1997, p. 152).

Um roteiro de entrevista pode ser produzido pela classe, e se a escola toda estiver envolvida o autor ou ilustrador pode visitar a escola através da elaboração de um projeto literário. ABRAMOVICH (1997) mostra que em todo país há várias

livrarias espalhadas, das mais modernas as mais simples, até uma visita com as crianças a um sebo pode ampliar os referenciais literários.

As rodas de histórias devem ser exploradas diariamente em sala de aula, como afirma CARDOSO (2012). Conhecida também como leitura de deleite, pode ser realizada no início ou final do dia, até mesmo após o recreio. Nessa atividade é o professor que escolhe a literatura, apresenta aos alunos e explica porque escolheu esse tema. CARDOSO (2012) apresenta também a roda de biblioteca, nesta atividade a criança escolhe um livro da biblioteca e lê em casa. Ao trazer o livro novamente para a escola, na roda realizada na biblioteca a criança contará um trecho que mais gostou da história, mas não pode contar o fim, pois outro aluno poderá pegar para ler. Cardoso explica “Nessa atividade bem como na leitura diária feita pelo professor, são trabalhados aspectos do comportamento leitor: como escolher um livro, cuidar dele e comentar a leitura, dando sua opinião.” (CARDOSO, 2012, p. 76).

As atividades precisam permear o dia a dia das crianças, CAVALCANTI (1997) relata que, o professor precisa reconhecer a necessidade de fomentar aprendizagens significativas dessas práticas. É necessário que o docente ajude seus alunos a descobrirem o prazer da leitura e suas profundas conexões com a escrita, instrumento muito valiosos dentro e fora da escola.

Cabe aos professores promover um processo [...] no qual ler e escrever sejam compreendidos como práticas que envolvem uma dimensão pessoal, lúdica e prazerosa, e que são interdependentes, intimamente relacionadas e fruto de um processo longo, difícil e extremamente enriquecedor (CAVALCANTI, 1997, p. 3).

Deste modo a mediação do docente no processo de formação de leitores e fomentação da escrita através da literatura é essencial. Consiste em proporcionar à criança várias experiências significativas, que façam sentido estando conectadas com o meio em que vive, e proporcionando novos objetivos a serem alcançados.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base nos processos metodológicos das pesquisas bibliográficas e documentais, analisamos os efeitos do uso da literatura no ambiente escolar para a formação de leitores e fomentação da escrita.

Verificou-se que o conceito de infância foi evoluindo no decorrer da história, assim como o processo de escolarização. Nesse período as histórias eram transmitidas de diversas formas na vida da comunidade. As modificações possibilitaram a evolução cultural da escola, trazendo consigo suas organizações e gêneros literários. Diferentes faixas etárias são consideradas, mas cresce a divisão entre indivíduo e sociedade. O relacionamento da escola e vida diária se afasta, pois, a criança é negada como sujeito que vivência o mundo, assim não há na escola reflexões ou debates vividos em comunidade, com isso a educação burguesa cresce.

Analisou-se que a literatura infantil surge através do conto popular, a oralidade é a marca mais importante dessa forma de desenvolvimento narrativo. Além da literatura infantil auxiliar o desenvolvimento das competências naturais, auxilia no processo de amadurecimento que percorre da infância a fase adulta. A principal ideia que a literatura trás é o processo de produção e recepção, emitindo opiniões sociológicas, éticas e políticas. Operando e ampliando a mente e o campo que definem os sentimentos e as ações.

A partir do século XX foi sendo revelada a inteligência que cada pessoa constrói dentro de si, bem como os diferentes estágios de desenvolvimento que a infância e a adolescência percorrem, correspondentes a cada fase de idade. Nesse processo a criatividade vai sendo despertada conduzindo a criança para um caminho de transformações. Habilidades e competências começam a ser desenvolvidas gerando leitores críticos, autônomos que possam defender suas ideias e ideais.

O texto literário se relaciona diretamente com a arte escrita, a beleza e a fantasia. Contando com essa estrutura textual e com as funções que exercem com o processo de leitura, a literatura se conecta com o conhecimento de mundo, com o domínio da língua e com textos específicos, através do mundo da leitura de cada leitor. Revelando essa importante função do texto literário, a função humanizadora, um direito indispensável a todo indivíduo, despertando a consciência de injustiças sociais diante das dificuldades, tornando o sujeito capaz de se colocar no lugar do outro, como se estivesse vivendo a mesma situação.

Observou-se que mesmo sem a criança ser alfabetizada as ilustrações dos livros são linguagens importantes, para que reconheçam seres e coisas e sejam preparadas para leituras mais complexas, desenvolvendo o olhar e a criatividade. Quando o professor lê em voz alta, inicia-se o processo de elaboração do repertório da criança. Ouvir histórias é o início da aprendizagem para se tornar um leitor como explica Abramovich (1997), além de possibilitar o desenvolvimento da linguagem oral e escrita. Os métodos de leituras como: leitura individual, mediada, e, família trazem várias contribuições para o pequeno leitor.

Investigou-se os espaços destinados a leitura, os mesmos promovem o hábito de ler e a fomentação da leitura literária. As bibliotecas tradicionais dentro ou fora da escola, bibliotecas virtuais, salas de leitura e cantinhos de leitura, são ambientes acolhedores que promovem a educação, a cultura e a interação social.

Constatamos nossa hipótese de que o uso da literatura contribui para a formação de leitores e fomenta a escrita, através da mediação do docente, enquanto leitores capacitados e profissionais que exploram o currículo, além de utilizar e ofertar espaços e ferramentas de ensino adequadas.

Essa pesquisa nos permitiu explorar e analisar o problema de pesquisa, que foi o principal norteador para que esse trabalho fosse realizado, e constatar que o ambiente escolar consegue proporcionar a convivência e o contato com diversos

textos literários, bem como a leitura em sala de aula que está associada a diferentes gêneros textuais, e para que seja uma ferramenta assertiva sua compreensão e organização precisam estar ligadas aos objetivos didáticos.

O professor que tem essa visão humanizada da literatura deve ser leitor, falar sobre livros, contar histórias, mostrando e permitindo que as crianças se relacionem com a história, para que possam construir em sua mente a imagem de uma atividade enriquecedora e prazerosa. Além de planejar como trabalhar com esse instrumento, tendo em vista diversas ações que podemos realizar usando a literatura, para formar leitores críticos e fomentar a escrita.

Temos ciência de que esse estudo não é conclusivo, mas que contribui para melhor tratamento deste tema na comunidade científica. Por essa razão, aguardamos por novos trabalhos que nos auxiliarão compreender melhor a temática.

AGRADECIMENTOS

Gostaríamos de agradecer ao nosso Deus, toda honra, toda glória e todo louvor seja dada ao Senhor Criador do céu e da terra, que nos redimiu através do seu Filho amado Jesus Cristo e nos presenteou com o Espírito Santo, a quem nós amamos.

Aos nossos queridos esposos que em tudo nos tem apoiado, e suportado com paciência nosso tempo dedicado a pesquisa.

Aos nossos filhos herança do Senhor, que diretamente nos ajudaram principalmente nos mostrando como trilhar os caminhos da tecnologia.

A Igreja Assembleia de Deus Ministério interlagos e Igreja Lirio dos Vales, que em todo tempo nos sustentaram em oração.

Aos nossos pastores que firmemente nos conduziram para trilharmos novos saberes. Ao Pastor Marcos de Oliveira Cruz, Teólogo, Jornalista e Mestre em Ciências Humanas que em todo tempo lia nossos escritos e com toda paciência nos orientava ampliando nossos conhecimentos.

Aos nossos amigos de classe que foram muito importantes sempre nos incentivando até o fim.

A professora Roseli A. A. M. Moreira Pedagoga, Psicopedagoga e Mestre em Educação ao professor Janderson Lacerda Teixeira, Pedagogo, graduado em Letras e Mestre em Educação e a Professora Dra. Silvia Gonçalves de Almeida, que nos acompanharam em vários semestres, nos enxergando como únicos, todo o tempo ensinando com dedicação, responsabilidade e carinho compartilhando ensinamentos que durarão para sempre.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura Infantil: gostosuras e bobices**. São Paulo: Scipione, 1997.

AGUIAR, V. T. de (coord.) *et al.* **Era uma vez... na escola**: Formando educadores para formar leitores. Belo Horizonte: Formato editorial, 2001.

ARIÈS, P. **História social da infância e da família**. 2. ed., Tradução: D. Flaksman. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986.

BAMBERGER, R. **Como incentivar o hábito de leitura**. São Paulo: Ática/Unesco, 1988.

BRASIL, **Ministério da Educação Base Nacional Comum Curricular**. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>. Acesso em 29 set. 2023.

BUARQUE, C. **Chapeuzinho Amarelo**. Rio de Janeiro, Berlendis & Vertecchia, 1979.

CANDIDO, Antônio. **A literatura e a formação do homem**. Ciência e Cultura, São Paulo: EDUSP, v. 24, n. 9, set. 1972.

CANDIDO, Antônio. **Vários Escritos**. 5. ed. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2011.

CARDOSO, B. P. de A. **Práticas de linguagem oral e escrita na educação infantil**. São Paulo: Editora Anzol, 2012.

CAVALCANTI, Zélia. **Alfabetizando**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

COELHO, N. N. **Literatura infantil**. São Paulo: Ed. Moderna, 2000.

LAJOLO, M. O texto não é pretexto. In: ZILBERMAN, R. (org.), **Leitura em crise na escola**: as alternativas do professor. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1998.

NUNES, L. B. **A Bolsa Amarela**. (Il. Marie Louise Nery) Rio de Janeiro, Agir, 1976.

SEVERINO, A. J. **Metodologia do Trabalho Científico**. 23. ed. rer. e atual. São Paulo: Cortez, 2007.

SILVEIRA, M. I. M. Modelos **Teóricos e Estratégias de Leitura: suas implicações no ensino**. Maceió: EDUFAL, 2005.

SOARES, M. **Alfabetizar: toda criança pode aprender a ler e a escrever**. 1. ed., 5ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2022.

UBA, Thalita. **Contos de fada dos Irmãos Grimm**. 1. ed. rev. São Paulo: Principis, 2021.

ZILBERMAN, R. **A literatura infantil na escola**. 11. ed. rev. atual. e ampl., São Paulo: Global, 2003.

ZILBERMAN, R. **A leitura e o ensino da literatura**. Curitiba: Intersaberes, 2012.